

O PACIENTE OBJETO DA SEMIÓTICA *

Ivo Assad Ibri**

* Este artigo é inteiramente dedicado ao Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira, profundo estudioso da obra de Peirce, cuja *paciência* como interlocutor mereceria, também, fazer parte do presente título.

**Professor Doutor do Departamento de Filosofia - PUC-SP.

“O Universo não é uma idéia minha.

A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha,

A noite não anoitece pelos meus olhos,

A minha idéia da noite é que anoitece por ,neus olhos.” -

Fernando Pessoa - Poemas Inconjuntos

***“O real é aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos,
mas que permanece não afetado pelo que dele possamos pensar***

Charles S. Peirce - Collected Papcrs (8.12)

O poeta, esta espécie de divindade que, como o matemático, constrói mundos possíveis, se rende, por vezes, à *alteridade* do mundo, e nela vê, novamente, *poesia*. A *interioridade*, *locus* da arquitetura de realidades alternativas, onde é possível eximir-se de náusea e praticar o imaginário na lúdica tarefa da invenção, reconhece, por momentos, o encanto poético do *não*.

Talvez o poeta, entediado, evidencie seu cansaço daquele objeto que ele próprio constrói. Servil, o *objeto* da arte se presta sempre a nascer por um ato de vontade de seu criador, crescer com a forma e a diversidade que lhe confere o imaginário, suprir suas veias com a mesma seiva de atemporalidade que nutre a *aura* da obra. Talvez o objeto, também enfadado de ser mera referência no interior daquilo que se auto-representa, manifeste seu cansaço e, num diálogo sem palavras, sugira a seu criador que perceba a poesia naquilo que *permanece sendo o que é, tudependentemente de qualquer representação*. Para tanto, já não bastará mais um olhar que apenas contempla o mundo para, uma vez mais, divertir-se em subvertê-lo, promovendo um sempre conspirador *deslocamento semântico* da metáfora que contradita todo *non sequitur*, levando desconforto àqueles espíritos estritamente dentro das regras aceitas da espacio-temporalidade.

Qual divindade entediada de sua onipotência, o poeta descobre encanto em sua impotência em anoitecer a noite. A noite diz *não* e o desafia a encontrar uma poesia possível, escrita em uma espécie de face oculta da alteridade.

Dotado pelos deuses do poder mágico de sempre dizer de modo obliquo *toda* a verdade, o poeta depara agora com o efetivamente verdadeiro. Não mais poderá dizer que o universo é idéia sua, não mais poderá trair a noite: num fechar de olhos suprimir-lhe a existência. Algo *exterior* desafiadoramente *permanece*. Algo objeta. Algo é *Objeto*.

E, fundamentalmente, a este *ser real* que Peirce se refere em sua famosa tríade semiótica: Signo, *Objeto*, Interpretante. A esta exterioridade sempre desafiadora, que denominamos Mundo, Natureza, sedutoramente convidativa à decifração pela ciência, produção infinita de arte no dizer de Schelling. Aquilo que é

geneticamente admirável, que se apresentou para o olhar de Platão no *Teeteto*, que despertou nostalgia em Schiller em *Os Deuses da Grécia*, que sugeriu a Einstein cavalgar um raio de luz para vê-lo de modo diferente. Um universo apresentado pelos astrônomos em uma escala que nos convida a abandonar, de um viés, uma noção de espaço dada pelo nosso urbano olhar por uma geométrica janela de alumínio e, de outro, uma dimensão de tempo contida no intervalo humano entre a vida e a morte.

Uma *imediata* admirabilidade suprime à consciência o tempo, e a insere novamente desperta para a temporalidade da observação intencionalmente cognitiva. Contudo, *conhecer* como um transcender da mera aparência, como busca de um *modo de ser*, necessita da *permanência* e daquela *independência do objeto* que fará com que este *negue* representações falsas, ou seja, aquelas que *predizem* um curso dos fatos distinto do *obsej-vável* curso dos fatos.

Antes de mais nada, é a esta alteridade de um objeto indiferente à representação que Peirce se refere, ao reconhecer “que uma coisa é ser, outra, ser representado”¹ [1 CP-5.6 (1902); N.c86 (1902)]. Além disto, um passo além é dado em sua própria definição de signo:

“Eu defino um signo como qualquer coisa que é **determinada** por alguma outra coisa, denominada seu **Objeto** e, deste modo, determina um efeito sobre uma pessoa, efeito este que denomino seu **Interpretante**, tal que este último é, assim, **mediatamente determinado pelo Objeto**” [2 PW-pp. 80-81 (1908) - negritos meus]

Após se caracterizar o Objeto como, essencialmente, algo do qual nossa interioridade não pode *arbitrariamente* se apropriar, um absoluto *segundo*, cujo ser se caracteriza, justamente, pelo fato de permanecer inafetado pelo nosso modo de pensá-lo, estranhamente, talvez, para os não iniciados na filosofia peirceana, este mesmo Objeto, conforme é explícito na passagem citada, determina o Signo de modo imediato e, mediadamente, seu Interpretante que, grosso modo, pode ser entendido como “significado”, não obstante a complexidade e as consequências que tal conceito assume no pensamento de Peirce.

De imediato, poder-se-ia perguntar: como se dá esta *determinação* e, por certo, antes, o que se entende por *objeto determinando o signo*?

Retornemos ao nosso poeta e lembremos que, por niais que ele feche os olhos, *permanece* a noite sendo noite e, a menos que nada de encantador se veja nisto, o poeta certamente pensará que a noite, cou-to tal, *determina* na sua mente o signo *verdadeiro* de que ela é simplesmente noite, independentemente do *falso* signo que é pensar que ela poderia se submeter à sua vontade. O cientista, com certeza mais familiarizado com a alteridade do mundo, busca seus interpretantes como *mediações genuínas* diante do desafio do Objeto. O artista, de sua vez, deverá encontrar uma espécie de *poética mediadora* diante da alteridade, descobrindo naquilo que simplesmente é suas possibilidades futuras de *ser*.

Evidentemente, assim como Schelling alertava seus leitores da necessidade de uma sensibilidade estética para *compreender der* seus escritos, convidando, aqueles que dela não dispunham, a abandonar a leitura, muitos poderão nada ver na *alteridade*, senão o *inferno* da contrariedade, a limitação da liberdade pela presença do *não-eu*. Restaria, tão-somente, a solidão do eu absoluto e nauseado? Restaria, alternativamente, o pessimismo filosófico, ou a angústia do silêncio?

Não obstante, o gênio criador, dotado de uma espécie de mágica sonda poética *extrai o belo do profundo da dor*. Recorde-se a torturante beleza do concerto n0 1 para piano, de Brahms ou do Réquiem, de Mozart. Recordem-se, de Rilke, as Elegias de Duíno. Neste, explícito, naqueles, oculto, um desesperado grito diante da eguidade auto-suficiente da beleza que se basta a si mesma, desdenhando daquele que a ama, trespassa a alma qual sentimento de morte. Este belo absolutamente *primeiro, genético*, apaixona, mas

se nega ao diálogo. Nada *determina* por ser apenas aparência. Cruel, desperta e frustra o insano desejo de *posse*. Apenas surdo anjo terrível : somente o Tempo esgarçará sua impossível pretensão de eternidade.

Entretanto, o Objeto que se determina como representação se oferece *amorosamente* à cognição, dialoga por ter conduta, permite significação como possibilidade *infuturo*, desafia a *criação do possível* a ser *descoberta real*.

Avesso à estrita causalidade, este Universo-Objeto anuncia-se diverso e desviante da lei. Avesso ao caos, permite a *possibilidade* do pensamento e, neste, traça sua cósmica gramática.

Algo mais, ainda, se anuncia na definição de signo de Peirce. A *determinação* do Objeto transcende seu mero *objetar*. Como poderia o *mundo material* determinar sua *forma* no espírito? De que diálogo falamos?

Certamente não seria solução recolher-se à interioridade das idéias, negando a matéria como algo sem sentido possível, como faz Berkeley, legando à divindade a causa de nosso pensamento. Certamente, diante da experiência frustrada de extirpar a noite com nosso sono, parece mais sensata a hipótese de uma *conaturalidade* entre objeto e signo, fazendo-os substancialmente idealidade. Idealidade descoberta pelo cientista, admirado com a inteligência das leis da natureza. Idealidade passível de descoberta em silêncio pelo poeta, que em algum momento se perguntaria: como a “*matéria morta*” desperta *sentimentos vivos*?

O Objeto, mais que virtualmente capaz de negar o arbítrio do signo falso, potencialmente *determina sua conduta geral* na representação e esta generalidade é correlata à generalidade do pensamento e, por consequência, da linguagem.

Esta é uma enviesada e despretensiosa apresentação do *Realismo* de Peirce. Não um roto Realismo que admite, tão-somente, a *existência das coisas externas* à nossa interioridade, mas, sim, aquele que reconhece a *realidade* de um tecido de generalidade, similar àquele que dá forma ao nosso pensamento. Uma contínua estrutura de ordem constituindo-se, evolutivamente, desde um primevo caos. É esta ordem, e apenas ela, que permite que façamos *previsões* sobre a conduta futura do mundo. Errôneas, falíveis, mas evolucionariamente passíveis de crescimento. Interpretantes sem pretensão de certeza absoluta, esta *sonolenta* busca de tantas filosofias.

Constituindo um *terceiro* modo de ser do Universo, tal ordem é que torna cósmico o que, de imediato, como *segundo*, apenas se opõe, conferindo interioridade inteligível àquele *primeiro* belo e virtualmente cruel *aparecer*.

De sua interioridade, este Objeto se faz exterior, tornando sua *cognoscibilidade* a sua própria *essência de ser*; ocultar-se como “coisa em si mesma” seria vedar-se à existência e eximir-se de evoluir. As Categorias peirceanas afetivamente se entrelaçam com seu Pragmatismo. As “consequências práticas”, em sua máxima, são exigência para uma significação possível: exibir da *interioridade* do conceito o que se mostra à *observação*, *exteriorizar-se*, como mundo, para penetrar, novamente, a interioridade como *signo*, único caminho de crescimento evolutivo.

Cruel é, então, aquilo que aparece e apaixona sem interioridade cognoscível. Não à toa, Peirce não se satisfaz com o Belo que simplesmente aparece e nada mais tem o que dizer, excluído exigir, daquele tomado pelo êxtase, contemplação e silêncio.

O diálogo amoroso de conhecer, contudo, busca um belo que se estratifica no mais profundo. O belo da conduta aberta ao signo, como signo; uma ordem dialogante e evolutiva que faz do Amor não apenas palavra, mas *Ágape*, força cosmicamente eficiente para o crescimento não tão-somente da Razão, mas da Razoabilidade [3 CP-1.613-615 (1903)]

Recorde-se Shakespeare. A interioridade aberta dos amantes transgride o que era mera aparência — há um belo mais profundo indiferente à temporalidade — desta apenas se valeu para atingir a verdadeira

mediação amorosa:

And all in war whith Time for love of you,

As he takes from you, I engraft you new

[4 Sonnet XV. Na tradução de Ivo Barroso (Shakespeare — Comédias e Sonetos. Editora Abril, 1981.): *E crua guerra contra o Tempo enfrento. Pois tudo que te toma eu te acrescento.*]

O Universo se diverte, também, como poeta. Jamais se permitiu pintar o céu do mesmo modo ao fim de cada tarde. Em nenhum instante privou-se de se desviar de suas próprias leis, exercendo sua liberdade criadora de diversidade.

Paciente, ele prossegue a cada dia esta tarefa, ironizando a palavra *crepúsculo* e desfazendo, por séculos, os relógios com os quais o representávamos.

Permite, também, amoroso e paciente, que suponhamos organizá-lo com nosso pensamento e com nossa linguagem. Hedionda e despercebida humana confusão entre *critério de relevância* e *ordem real*. Saber o que perguntar é, apenas, garantir sentido *para nós*. Nossa humana linguagem *não* dá forma ao mundo; ao contrário, extrai deste sua possibilidade formal.

Paciente e amoroso, ele sabe de nossos equívocos e *nos* adormece quando se faz noite. Em algum tempo futuro aguarda que reconheçamos não ser *nossa* nossa idéia de Universo.

Bibliografia

HARDWICK, Charles 5. (ed.). Semiotic and Significs - The Correspondence Between Charles S. Peirce and Victoria Lady Weíby. Bloomington, Indiana University Press. 1977. (Referência no texto como PW)

HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul and BURKS, Arthur (eds.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce.* Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-35 e 1958; 8 vols. (Referência no texto como CP)

KETNER, Kenneth L.; COOK, James Edward (eds.). **Charles Sanders Peirce: Contributions to the Nation.** Lubbock, Texas Tech Press, 1975-1987; 4 vols. (Referência no texto como N.)